

CAPÍTULO I

A OPÇÃO POR UMA PERSPECTIVA TEÓRICA

Delineando caminhos e proposições

Ao pensarmos sobre os pressupostos teóricos e filosóficos que subsidiarão o currículo deste Município, procuramos dialogar, por meio de estudos e oficinas de ideias^v nas quais ressaltamos os pontos chaves de cada perspectiva – comportamentalista, humanista, tradicionalista, tecnicista, cognitivista e sócio-histórica-cultural – de forma que pudéssemos reconhecer a que está subjacente à nossa prática, a fim de nos indagarmos sobre a possibilidade de mudança:

Qual a perspectiva teórica de educação que a rede municipal de ensino pretende adotar? (Debate, GT Trilha do Tesouro – Encontro Regional, Sede, CMEI, 2014.)

Existe uma abordagem ideal para ser seguida no currículo? (Debate, GT Trilha do Tesouro – Encontro Regional, Aracê, 2014.)

Há uma abordagem teórica que unifique o currículo elaborado por cada escola? (Debate, GT Trilha do Tesouro – Encontro Regional, Paraju, 2014.)

Qual abordagem teórica se aproxima da nossa concepção de educação? (Debate, GT Trilha do Tesouro – Encontro Regional, Melgaço, 2014.)

Essas indagações nos apontaram o que almejamos, com a clareza de que deliniaremos a perspectiva teórica e filosófica que mais se aproxima dos nossos desejos e, conseqüentemente, das nossas necessidades e possibilidades de compreensão. Aconteceram dinâmicas de grupo e oficinas de ideias durante a formação continuada nas regiões de Aracê, Melgaço, Sede com os profissionais da educação e a partir daí fomos compreendendo as práticas pedagógicas vivenciadas, isto é, tomamos ciência dos modos que ensinamos no cotidiano das escolas.

Nos momentos em que debatíamos sobre o que queremos para o nosso Município e que sujeitos queremos formar, fomos delineando o que está no plano do nosso querer. Conscientes do que realizamos no cotidiano escolar e do que queremos realizar, enfim, de posse do que está de fato acontecendo nas nossas práticas pedagógicas cotidianas e com ciência do que estamos sonhando em realizar, fomos dialogando sobre o que é possível e viável propor.

Nesse debate sobre o que desejamos para o município de Domingos Martins demonstramos a necessidade de implementação de um currículo que reconheça a importância da formação de sujeitos com consciência crítica, da gestão democrática, da diversidade, etc.

Como professora, defendo o trabalho coletivo dando vez e voz a cada aluno. Proporcionando um trabalho em equipe. Voltado a atender as necessidades da escola e da comunidade, visto que, a escola deve trabalhar dentro de um contexto em que a mesma está inserida. Ampliando seus conhecimentos na prática, pesquisando os temas pertinentes de acordo com a realidade dos alunos. (Debate no Encontro Regional, Paraju, 2014.)

Defendo o trabalho coletivo da escola, onde todos tenham a oportunidade de expor a sua opinião. Um trabalho em equipe oportuniza a participação de toda a comunidade escolar, incluindo a família de forma mais efetiva. A escola deve estar aberta a práticas mais inovadoras, saindo do espaço comum das quatro paredes da sala de aula, onde ele irá ampliar seus conhecimentos relacionando teoria e prática. (Debate no Encontro Regional, Paraju, 2014.)

Nos espaços tempos das discussões e reflexões sobre a perspectiva teórica que subsidiará o nosso currículo, diferentes enunciados evocam conceitos que se aproximam da perspectiva *sócio-histórica*, quando destacamos a importância do trabalho coletivo – gestão político pedagógica compartilhada; estudantes com direito a vez e voz; reconhecimento das reais necessidades das comunidades campesinas, bem como da realidade vivida pelos sujeitos do campo.

^v As oficinas de ideias foram vivenciadas por meio da dinâmica do júri simulado, em que cada abordagem teórica: tradicional, humanista, tecnicista, construtivista e sócio-histórica, procuravam defender as suas ideias, culminando com a defesa de uma abordagem.

Queremos uma educação sócio-histórica, voltada para a interação, pois por meio da troca é que acontece a aprendizagem, ou seja, a construção do conhecimento como prática transformadora e humanizadora. (Encontro Regional, Paraju, 2014.)

Nesse percurso de análise e reflexão percebemos a necessidade de aprofundamento da referida perspectiva, uma vez que as práticas reais vivenciadas no cotidiano escolar ora se aproximam e ora se distanciam da mesma.

Assim, ao buscarmos compreender os princípios teóricos e filosóficos da abordagem sócio-histórica que se ancora em Vigotsky (1934; 1989; 1991; 1998; 2001 e 2004), Luria (1990), Leontiev (1978; 2010) e Bakhtin (1992a; 1992b) nos deparamos com diversos modos de denominação como: sociointeracionismo, sociocultural, histórico-cultural e sócio-histórica. E ainda, ao retomarmos os estudos realizados pelo Município com base em Paulo Freire (1979, 1991, 2011, 2015), Gramisc (2000, 2013) e Saviani (2008, 2011, 2012) percebemos denominações como histórico-cultural em Paulo Freire e histórico-crítica em Saviani. Ancorados nas contribuições desses estudiosos e nas nossas reflexões, concluímos sobre a importância de discorrermos as nossas proposições com base na perspectiva teórica sócio-histórico-cultural e na visão de que o ser humano é produtor de histórias em diferentes e diversos espaços tempos sociais e culturais. O ser humano se constitui nas relações sociais mediadas por elementos culturais, ou seja, a aprendizagem ocorre no lócus das interlocuções dos indivíduos com o espaço tempo social, histórico e cultural em que vivem.

Continuando as reflexões, sentimos necessidade de discorrer sobre um currículo que mais se aproximasse dos nossos anseios e que dialogasse com a perspectiva teórica sócio-histórico-cultural. Sendo assim, uma significativa discussão sobre algumas modalidades de currículo – contextualizado, em rede e integrado – aconteceu e concluímos que o currículo contextualizado é o que mais se aproxima das nossas necessidades e intenções.

A proposição de implementação de um currículo contextualizado se ancorou nas indagações e inquietações relacionadas com a educação do campo que almejamos.

Propomos a implementação de um currículo contextualizado, porque é o que mais se aproxima da nossa prática, onde levamos em consideração as necessidades dos estudantes, da comunidade onde estamos inseridos. “O currículo contextualizado propõe uma aprendizagem contextualizada e compartilhada, que parte da realidade do estudante, a qual o(a) professor(a) assume o papel de mediador(a). Desse modo tem como foco que o estudante torna-se crítico e inserido no contexto em que vivemos. (III Encontro Regional, Aracê, 2014 – Ver referência completa ao fim do Documento)⁵

Isso porque, entendemos que o currículo contextualizado

É a concepção de currículo que busca entender que as pessoas constroem seus conhecimentos a partir do contexto em que inserem-se. (...) Reconhecemos também que é importante em uma educação contextualizada, conhecer os alunos, as suas experiências, sua cultura, seu ambiente, seus saberes cotidianos. Portanto, o desejo dos professores é construir um currículo que proponha conhecimentos significativos para os educandos e que faça ligação entre os diferentes campos do conhecimento e relação com a realidade. (III Encontro Regional, Sede, 2014 – Ver referência completa ao fim do Documento)⁶

E ainda, por que

O currículo contextualizado é aquele que reconhece e valoriza os diferentes saberes gestados nas práticas sociais e culturais, uma vez que considera as vozes dos estudantes e da comunidade. Sendo assim, a educação contextualizada busca entender que as pessoas se constroem e constroem seus conhecimentos a partir do seu contexto (...) A construção de saberes, se dá na relação das pessoas com o mundo, consigo mesma e com os outros. Em nossa prática de educação do campo os sujeitos produzem e se apropriam dos conhecimentos, objetivando-os, o que permite a construção de identidades, emancipação humana, transformação social, entre outros. (III Encontro Regional, Melgaço, 2014 – Ver referência completa ao fim do Documento)⁷

As ideias acima evidenciam a necessidade de pensarmos uma educação do campo, baseada num contexto próprio e articulada com as demandas globais. Segundo Fernandes (2002, p.67 Apud, Santos e Neves, 2012, p. 5)

A Educação do Campo é um conceito cunhado com a preocupação de se delimitar um território teórico. Nosso pensamento é defender o direito que uma população tem de pensar o mundo a partir do lugar onde vive, ou seja, da terra em que pisa, melhor ainda: desde a sua realidade. Quando pensamos o mundo a partir de um lugar onde não vivemos, idealizamos um mundo, vivemos um não lugar. Isso acontece com a população do campo quando pensa o mundo e, evidentemente, o seu próprio lugar a partir da cidade. Esse modo de pensar idealizado leva ao estranhamento de si mesmo, o que dificulta muito a construção da identidade, condição fundamental da formação cultural.

Nesse sentido, a partir das reflexões sobre as implicações da perspectiva sócio-histórica-cultural, no processo de formação dos(as) estudantes, entendemos a importância e a necessidade de sistematizarmos um currículo com base em tal referencial, primando por uma educação que leve em conta o contexto campesino.